

MIT quer criar laços com escolas de negócios no Brasil

Stela Campos

Vice-reitor da MIT Sloan School of Management diz que pretende mudar a imagem da instituição e ampliar sua atuação fora dos EUA.

Embora seja dona de uma marca bastante reconhecida mundialmente, a MIT Sloan School of Management, escola de negócios da universidade americana, ainda tem pouca presença fora dos Estados Unidos. Com a missão de mudar esse quadro e ampliar os laços com instituições de ensino e ONGs pelo mundo, o vice-reitor SP Kothari visitou São Paulo na semana passada. Para ele, o Brasil está no radar do MIT porque é a "joia da coroa" na América Latina.

Em entrevista exclusiva ao Valor, Kothari- que veio acompanhado de um grupo de alunos que escolheu o país para realizar seu trabalho de campo dentro do curso de MBA- disse que a escola quer mudar sua imagem internacional. "Somos conhecidos por atrair cientistas, engenheiros e executivos da área de tecnologia, mas, na verdade, temos um grupo muito mais diverso", diz.

Segundo ele, boa parte dos estudantes formados no MBA em Sloan segue carreira em consultoria e no setor de serviços financeiros, enquanto outra parcela opta por empreender o próprio negócio. Uma tendência atual observada é a busca por uma colocação em empresas voltadas para a energia verde ou para o empreendedorismo social.

O número de estudantes internacionais em Sloan também vem crescendo, resultado do empenho da escola nos últimos anos em buscar mais diversidade em suas classes. A escola tem 350 alunos entre os cursos de MBA, PhD e de formação executiva. "Chegamos a ter 40% de estrangeiros em sala de aula no MBA", diz o vice-reitor, nascido no interior da Índia e há 30 anos nos EUA. Assim como ele, entre os 120 professores há muitos vindos de fora.

O MIT é reconhecido por ser um celeiro de prêmios Nobel. Em 150 anos, contabilizou 74. "A maior parte de nossos docentes se dedica à pesquisa", afirma o vice-reitor. Esse empenho científico valeu à escola fama de estar sempre envolvida em seus projetos inovadores.

No Brasil, por enquanto, a única parceria é com a Vale, justamente na área de pesquisa e inovação. Fora dos EUA, a Sloan tem atuado em parceria com instituições de ensino e pesquisa na China, Coréia do Sul, Índia, Turquia, Rússia entre outros países. "Em Cingapura participamos da criação da Singapore University of Technology and Design (SUTD)", conta. "O Brasil poderia fazer algo semelhante", diz.

Na opinião de Kothari, a falta de engenheiros, um dos entraves à expansão econômica do país, deve ser combatida com mais apoio à educação superior por parte do governo e da iniciativa privada. "Para melhorar a qualidade dos profissionais é preciso mais investimentos". A experiência em solo estrangeiro - tanto de alunos brasileiros no exterior como ao contrário - é fundamental para que o país ganhe maior projeção internacional.

A vinda dos 18 estudantes do MBA de Sloan para o país é um exemplo do que pode ser feito para ampliar os horizontes dos alunos. Nesse caso, os estudantes elegeram os negócios de educação no Brasil como tema de uma das matérias do curso. Depois, montaram uma série de seminários com especialistas brasileiros e estrangeiros para discutir a questão. Este mês, vieram ao país para realizar o trabalho de campo. Em 14 dias, visitaram escolas, representantes do governo e empresários do setor educacional em São Paulo, Brasília, Curitiba, Florianópolis e Rio de Janeiro. "Existe uma relação importante entre o mercado de trabalho e a escola que precisa ser melhor trabalhada", diz o brasileiro Alexandre Kuperman, um dos alunos e co-organizador da viagem.

Para o vice-reitor, essa troca de informações e experiências entre estudantes de diferentes nacionalidades precisa acontecer também com os executivos brasileiros. Kothari acredita que eles reúnem qualidades essenciais para se tornarem grandes líderes globais. "São experts e

apaixonados pelo o que fazem". O domínio do inglês, segundo ele, é uma questão de tempo. "O que eles precisam é de uma maior exposição internacional."

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 23 mar. 2011, Eu & Investimentos, p. D14.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais